

Palhaçoterapia e Inclusão Social no Ensino Superior: percepções de estudantes

Clown Therapy and Social Inclusion in Higher Education: Students' Perceptions

*Terapia con Payasos e Inclusión Social en la Educación Superior: Percepciones de
Estudiantes*

Joanna Fardo Giacomelli

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7101-7700>

Estudante de nutrição na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

Mariana Braga Netto Lira Maranhão Lacerda

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0045-1694>

Estudante de psicologia na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

Raiane Lúcia Cruz de Oliveira Torres

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2821-5335>

Psicóloga Infantojuvenil

André Furtado de Ayalla Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2372-2423>

Docente na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

RESUMO

Introdução: O estudo investigou a percepção de estudantes da área da saúde sobre a palhaçoterapia como prática extensionista e seu papel na promoção da inclusão social no ensino superior e no ambiente hospitalar. **Método:** Adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas analisadas pela técnica de análise de conteúdo temática. **Resultados e discussão:** Identificaram-se três eixos principais: (1) compreensão da inclusão social como equidade, pertencimento e reconhecimento das diferenças; (2) impacto da palhaçoterapia na comunidade, promovendo acolhimento, humanização do cuidado e integração social; e (3) transformação pessoal e profissional dos estudantes, com fortalecimento da empatia, escuta ativa e práticas humanizadas. **Considerações finais:** Conclui-se que a palhaçoterapia constitui um dispositivo

formativo e relacional capaz de integrar ensino, extensão e cuidado em saúde, favorecendo a inclusão social em múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Inclusão social; Educação superior; Estudantes de ciências da saúde; Atividades recreativas; Humanização da assistência.

ABSTRACT

Introduction: This study investigated health students' perceptions of clown therapy as an extension practice and its role in promoting social inclusion in higher education and hospital settings. **Method:** A qualitative approach was adopted, with semi-structured interviews analyzed through thematic content analysis. **Results and discussion:** Three main themes emerged: (1) understanding social inclusion as equity, belonging, and recognition of differences; (2) the impact of clown therapy on the community, fostering hospitality, humanized care, and social integration; and (3) personal and professional transformation of students, strengthening empathy, active listening, and humanized practices. **Conclusions:** Clown therapy is a formative and relational tool that integrates teaching, extension, and health care, fostering social inclusion in multiple dimensions.

Keywords: Social inclusion; Education, higher; Students, health occupations; Recreational activities; Humanization of assistance.

RESUMEN

Introducción: El estudio investigó la percepción de estudiantes de salud sobre la risoterapia hospitalaria como práctica de extensión y su papel en la promoción de la inclusión social en la educación superior y en el ámbito hospitalario. **Método:** Se adoptó un enfoque cualitativo, con entrevistas semiestructuradas analizadas mediante análisis de contenido temático. **Resultados y discusión:** Se señalaron tres ejes principales: (1) comprensión de la inclusión social como equidad, pertenencia y reconocimiento de las diferencias; (2) impacto de la risoterapia en la comunidad, promoviendo acogida, humanización del cuidado e integración social; y (3) transformación personal y profesional de los estudiantes, con fortalecimiento de la empatía, la escucha activa y las prácticas humanizadas. **Conclusiones:** La risoterapia

constituye un dispositivo formativo y relacional capaz de integrar enseñanza, extensión y cuidado en salud, favoreciendo la inclusión social en múltiples dimensiones.

Palabras clave (DeCS): Inclusión social; Educación superior; Estudiantes del área de la salud; Actividades recreativas; Humanización de la atención.

INTRODUÇÃO

A inclusão social é um princípio fundamental para a construção de sociedades mais justas e equitativas. Refere-se à prática de garantir que todos os indivíduos tenham acesso igualitário a oportunidades e recursos, independentemente de suas origens socioeconômicas, culturais ou pessoais, fortalecendo o tecido social ao criar comunidades coesas e favorecendo que todos se sintam mais valorizados e respeitados. Nesse sentido, num mundo em que as disparidades sociais continuam a crescer, a promoção da inclusão social tornou-se uma prioridade para muitas organizações e governos (Marcelino et al., 2022).

As instituições de ensino desempenham um papel crucial na promoção da inclusão social, visto que estas não são apenas locais de aprendizado acadêmico, mas centros que cultivam valores de equidade e justiça social que podem ser disseminados. As universidades e escolas têm a responsabilidade de preparar os alunos não apenas como profissionais competentes, mas também como cidadãos conscientes e engajados (Lima; Ferreira Neto; Pompeu, 2021).

Isso inclui a promoção de iniciativas que busquem integrar grupos marginalizados e criar um ambiente inclusivo dentro e fora do campus. Inúmeras iniciativas de inclusão social têm sido implementadas por instituições de ensino em todo o mundo, variando desde programas de bolsas de estudo para estudantes de baixa renda até projetos de extensão que visam envolver a comunidade local em atividades educacionais e culturais. Essas ações não apenas beneficiam os grupos destinatários, como também enriquecem a experiência educacional dos alunos, que aprendem a valorizar a diversidade e empatia em sociedade (Marcelino et al., 2022; Lima; Ferreira Neto; Pompeu, 2021).

De forma geral, os projetos de extensão universitários têm mostrado um grande potencial na promoção da inclusão social. Ao envolver estudantes, professores e a comunidade, esses trabalhos criam um espaço em que todos podem participar e se

beneficiar (Lima; Ferreira Neto; Pompeu, 2021). Com esse objetivo, o projeto de extensão Sorrir, Olhar e Sentir (S.O.S) Palhaçoterapia, vinculado a uma faculdade privada de saúde do Recife, no Estado de Pernambuco, atua desde 2015 com a proposta de introduzir o estudante ao exercício prático da humanização social.

O projeto tem como um de seus objetivos proporcionar bem-estar emocional e social no ambiente hospitalar para pacientes, cuidadores e trabalhadores em hospital filantrópico conveniado ao Sistema Único de Saúde (SUS). A partir das práticas artísticas baseadas na palhaçaria, os estudantes estimulam a ressignificação do ambiente hospitalar, assim como a brincadeira dentro dele, criando oportunidade para vivências de novos sentidos e percepções quanto ao contexto da hospitalização (Brito, 2022; Ferreira, 2019).

Assim, os trabalhos desenvolvidos com a palhaçoterapia podem ser particularmente eficazes na inclusão de grupos marginalizados ou vulneráveis, já que não apenas proporcionam momentos de alegria, mas também promovem a interação social e a empatia (Marcelino et al., 2022; Brito, 2022). Os palhaços formados por esse projeto, por meio do encontro e da entrega, conseguem criar um ambiente de descontração, ajudando as pessoas a lidarem melhor com o estresse, a dor e a ansiedade. Além disso, a palhaçoterapia tem mostrado ser uma ferramenta eficiente para a humanização e a inclusão social, ajudando a quebrar a rigidez hierárquica e as barreiras na comunicação entre diferentes contextos socioeconômicos (Brito, 2022).

Dessa forma, o projeto de extensão S.O.S Palhaçoterapia tem se destacado como uma iniciativa inovadora e impactante no ensino acadêmico. Este projeto envolve estudantes de diversos cursos, que recebem treinamento e formação específica para atuar como palhaços em diferentes contextos da comunidade local. A extensão por meio da palhaçoterapia busca não apenas proporcionar momentos de alegria, mas também promover a integração e humanização social, além do bem-estar emocional dos participantes (Brito, 2022; Oliveira, 2016).

Ademais, para que este projeto de extensão tenha êxito, faz-se fundamental entender como os estudantes percebem e se engajam com essa iniciativa institucional, podendo contribuir com informações valiosas sobre pontos fortes e áreas de melhoria. Além disso, ao compreender a visão dos estudantes, é possível desenvolver estratégias mais eficazes para envolvê-los e motivá-los a participar de maneira ativa e comprometida com os propósitos dos projetos de extensão acadêmicos.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa descritiva, apropriada para o estudo de fenômenos complexos de natureza social e cultural, possibilitando compreender, em profundidade, experiências singulares a partir de descrições, interpretações e comparações. Esse tipo de investigação não se pauta por regras estatísticas e matemáticas, mas pela análise interpretativa do conteúdo produzido pelos participantes (Minayo, 2017; Flick, 2018).

O estudo teve duração de 12 meses, compreendido entre setembro de 2024 e agosto de 2025. A população-alvo foi composta por estudantes de cursos da área da saúde e afins, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, matriculados a partir do segundo período e que fizeram parte do projeto de extensão S.O.S. Palhaçoterapia. A definição da amostra ocorreu por saturação teórica, isto é, quando os dados coletados apresentaram redundância e não surgiram novas informações relevantes (Fontanella; Luchesi; Saidel, 2021), sendo entrevistados no total 8 estudantes, entre eles 5 do curso de medicina, 1 de nutrição, 1 de psicologia e 1 de odontologia. O recrutamento foi realizado após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, parecer nº 7.238.831 e CAAE: 84395224.2.0000.5569, conforme a Resolução nº 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e posteriormente transcritas e digitalizadas, compondo um banco de dados protegido e de acesso restrito à equipe de pesquisa. As perguntas norteadoras da entrevista foram divididas em 3 categorias, sendo a primeira composta de perguntas sobre inclusão social: (a) “O que é inclusão social para você?” e (b) “Como você enxerga a prática da inclusão social na faculdade?”; a segunda sobre projetos de extensão: (c) “O que você sabe sobre os projetos de extensão da faculdade?” (d) “Como você descreveria a atuação dos projetos de extensão?”; e a terceira, mais específica, sobre a palhaçoterapia: (e) “Como você tece conhecimento sobre o projeto de extensão S.O.S Palhaçoterapia?”; (f) “Como você percebe o impacto da palhaçoterapia na comunidade local?”; (g) “Você acredita que o projeto de palhaçoterapia promove a inclusão social? Por quê?”; (h) “Como você descreveria o papel dos estudantes no projeto de palhaçoterapia? Eles desempenham um papel ativo e significativo?”; (i) “Você tem alguma sugestão ou ideia para expandir ou melhorar o projeto de palhaçoterapia no futuro?”. A análise foi conduzida por meio da análise de conteúdo

temática proposta por Minayo (2017), seguindo três etapas: (1) pré-análise, com leitura flutuante e organização dos dados; (2) exploração do material, identificando núcleos de sentido e categorizando-os; e (3) tratamento e interpretação, com comparações e articulação dos resultados com o referencial teórico. Os aspectos éticos do estudo seguiram as recomendações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). O anonimato dos participantes foi assegurado por meio da utilização de códigos alfanuméricos (P1, P2, P3...) para identificá-los, preservando suas identidades sem comprometer a análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo buscou compreender como estudantes envolvidos em um projeto de palhaçoterapia percebem inclusão social, impacto da prática e mudanças pessoais/profissionais, articulando essas percepções com a literatura recente sobre humanização em saúde, educação inclusiva e formação acadêmica. A análise temática produziu três categorias principais: (1) Definições e promoção institucional da inclusão, (2) Impacto da palhaçoterapia na comunidade e recepção das atuações, e (3) Vivência pessoal, papel dos estudantes e mudanças pessoais/profissionais. Nos parágrafos seguintes, são apresentados os resultados, chamando participantes por P1, P2 etc., ilustrando com suas falas e comparando com evidências externas recentes.

Categoria 1 – Definições e promoção institucional da inclusão

A análise revelou que os participantes concebem inclusão social não apenas como acesso formal, mas como equidade, pertencimento e permanência em espaços sociais e educacionais. P1, por exemplo, destacou que a inclusão é garantir que *“todas as pessoas dentro das suas diferenças tenham acesso às mesmas oportunidades, não só em saúde, mas em todos os sentidos, como educação, lazer, esportes”*. Essa compreensão vai ao encontro do que Mazzotta e Hernandez (2022) discutem sobre a necessidade de políticas de inclusão que ultrapassem o caráter assistencialista e se consolidem como práticas de equidade social.

P2 acrescenta que incluir é *“juntar as pessoas independente de qualquer coisa no mesmo ambiente com os mesmos direitos”*, reforçando a noção de equidade e o combate à discriminação. Este posicionamento dialoga com estudos recentes que analisam a inclusão no ensino superior e ressaltam que a equidade deve ser

compreendida como a garantia de condições reais de participação, e não apenas de ingresso (Anache & Madruga, 2022).

No mesmo sentido, P3 reforça a ideia de pertencimento ao afirmar que *“inclusão é a pessoa se sentir parte de um grupo”*. Esse relato ressoa com a noção de “sentimento de pertencimento” como um dos pilares da educação inclusiva, defendido por autores como Silva et al. (2023), que identificam que a verdadeira inclusão só se concretiza quando os sujeitos se percebem como parte integrante do coletivo. P4, complementando, afirma que *“inclusão vai além de inserir pessoas em um meio social, mas fazê-las se sentirem parte integrante”*, alinhando-se à concepção de inclusão subjetiva, em que o acolhimento emocional é central para o processo.

Outros participantes trouxeram a perspectiva institucional. P5 enfatizou que inclusão é *“oferecer oportunidades a pessoas que geralmente são escanteadas, negligenciadas ou deixadas de lado por diversos motivos”*, ressaltando a necessidade de políticas públicas como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), além de auxílios permanência. Estudos recentes (Santos & Oliveira, 2021) apontam que tais políticas têm impacto direto na permanência estudantil de populações historicamente marginalizadas. P6, de forma semelhante, defendeu que inclusão é *“incluir todas as pessoas da sociedade independente de cor, raça, moradia, cultura ... pra ter um acesso pra todos igualmente”*, indicando uma visão universalista.

P7 acrescenta nuances importantes ao reconhecer as dificuldades: embora as estratégias institucionais, como cotas, sejam fundamentais, muitas vezes os colegas não são receptivos, gerando tensões: *“as pessoas ... pensam ‘ah, só entrou porque tinha essa vantagem’”*. Essa crítica ecoa com os achados de Lacerda et al. (2020), que apontam a persistência de estigmas associados às políticas de ação afirmativa, revelando que a inclusão formal nem sempre garante aceitação social. Por fim, ainda que a fala de P8 não tenha sido plenamente transcrita no material, sua presença reforça a necessidade de considerar a multiplicidade de olhares dentro do coletivo estudantil.

Dessa forma, observa-se que todos os participantes convergem para uma noção de inclusão que combina aspectos estruturais (políticas públicas, auxílios) e subjetivos (pertencimento, acolhimento, respeito às diferenças), em consonância com a literatura contemporânea.

Categoria 2 – Impacto da palhaçoterapia na comunidade e recepção das atuações

Os entrevistados foram unânimes em reconhecer o papel da palhaçoterapia como promotora de inclusão e humanização no ambiente hospitalar. P1 afirmou que *“a palhaçoterapia traz muito pro ambiente hospitalar nesse sentido de inclusão, interação, reflexão e lazer pra todo mundo que está envolvido no processo do hospital, tanto para os pacientes quanto para acompanhantes, outros profissionais, estudantes, todo mundo que está ali convivendo com as pessoas que estão atuando na palhaço tem acesso a uma nova forma de lidar com a saúde”*. Essa fala se alinha ao estudo de Maia et al. (2023), que mostra como a palhaçaria em saúde popular amplia o diálogo entre saberes, promovendo espaços de inclusão e fortalecimento comunitário.

P2 narra que *“quando a gente tá atuando como palhaço a gente tenta brincar com tudo e todos (...), de vez em quando a gente brinca com algumas pessoas elas se sentem vistas, se sentem incluídas e já aconteceu por exemplo de eu estar na atuação e falarem “ah, eu sou surda”, e a gente começar a falar em linguagem de sinais, por exemplo”*, o que reforça a potencialidade da palhaçoterapia como prática inclusiva no sentido mais literal, acessando sujeitos com deficiência auditiva — o que dialoga com as reflexões de Silva et al. (2022) sobre a diversidade de papéis e linguagens que o palhaço hospitalar pode assumir.

P3 enfatiza que o impacto da palhaçoterapia está em fazer com que as pessoas *“se sintam acolhidas e pertencidas”*, mesmo que o papel seja limitado. Tal percepção aproxima-se das análises de Paes et al. (2021), que identificaram na palhaçoterapia um dispositivo de formação para práticas de saúde humanizadas, centradas no acolhimento.

P4 descreve o impacto como *“muito grande e positivo ... trazendo novas perspectivas pra essas pessoas que estavam recebendo esse projeto”*. Essa perspectiva ressoa com Ramos et al. (2023), que destacam que os profissionais envolvidos também vivenciam maior satisfação, gerando uma via de mão dupla: pacientes se beneficiam do acolhimento e estudantes/profissionais ressignificam sua atuação. P5, nesse mesmo sentido, afirma que *“a gente que tá dentro da palhaçoterapia tem o contato ... por uma perspectiva diferente ... isso é importante e a palhaçoterapia me ajudou nesse sentido”*.

P6 e P7 reforçam o caráter inclusivo: enquanto P6 lembra que a prática independe de *“quem são, de onde vêm”* e que o projeto *“vai incluir todo mundo”*, P7 enfatiza que é um momento em que os pacientes *“recebem uma atenção que não tem a ver com a doença ... tem a ver com eles”*. Esse olhar de valorização da singularidade coincide com o conceito de “olhar humano” identificado por Mello et al. (2022), segundo o qual os estudantes passam a enxergar os pacientes além da patologia.

Porém, a recepção nem sempre é unânime. P2 reconhece que *“99% recebia bem, mas sempre tinha o 1% que olhava feio ... dizia ‘pra que gritar?’”*. P4 e P6 também relatam resistência de alguns profissionais. Tais achados dialogam com Silva, Marques e Penha (2022), que apontam que ainda há representações reducionistas do papel do palhaço em hospitais, demandando um trabalho contínuo de sensibilização institucional.

Assim, os resultados mostram que a palhaçoterapia se estabelece como tecnologia relacional e inclusiva, que promove tanto acolhimento emocional quanto aprendizagem institucional, ainda que enfrente resistências culturais em alguns contextos. Dessa forma, o projeto não apenas humaniza o ambiente, mas também provoca reflexões institucionais mais amplas sobre o modo como a saúde é concebida, ensinada e praticada.

Categoria 3 – Vivência pessoal, papel dos estudantes e mudanças pessoais/profissionais

Na terceira categoria, os relatos apontam para o caráter transformador da experiência. P8 destaca a mudança de relação com o erro: *“E dentro da palhaço, do processo da oficina, das atuações, a gente começa a ver o erro não como uma coisa de ‘ah tá tranquilo’, não, mas você vai tentar, e se você errar, não é tão ruim assim. Antes da palhaço, eu tinha muita vergonha de dizer ‘eu não sei’. Eu preferia não me submeter às situações que fossem me perguntar alguma coisa, do que me submeter a uma situação e ter a chance de acertar ou errar. Eu evitava me submeter às situações com medo de errar”*. Esse movimento se relaciona com o estudo de Moreira et al. (2021), que identificou que na realidade de estudantes de saúde, o erro não é tolerado, geralmente levando à vergonha e frustração, e que a vivência na palhaçoterapia contribuiu para a aceitação das falhas e limitações como processo de aprendizado e evolução. P1 e P4 também relatam mudanças na forma de lidar com o erro.

A fala de P8 evidencia uma ressignificação do erro na formação em saúde. Tradicionalmente, o erro é associado à incompetência ou inadequação, o que muitas vezes leva à sua negação ou silenciamento. Essa postura, no entanto, gera um ambiente de medo e de baixa abertura ao aprendizado, limitando a reflexão crítica e a possibilidade de crescimento profissional (Moreto et al., 2018). A experiência com a palhaçoterapia abre espaço para outra lógica, o erro passa a ser compreendido como elemento constitutivo da aprendizagem e da prática clínica, fomentando criatividade, improviso e humildade.

Esse movimento é coerente com a noção de que a formação em saúde exige processos pedagógicos que integrem teoria e prática de forma reflexiva, favorecendo a construção de profissionais mais conscientes de sua vulnerabilidade e capazes de lidar com situações complexas (Lima, 2025). Nesse sentido, reconhecer e acolher o erro torna-se estratégia pedagógica, pois possibilita que o estudante elabore a experiência em vez de simplesmente ocultá-la.

Além disso, quando o erro é reconhecido e discutido em ambientes seguros, há impacto direto na cultura de segurança do paciente. Como apontam Silva et al. (2019), a segurança depende da criação de contextos em que os erros possam ser analisados de forma construtiva, reduzindo riscos e prevenindo sua repetição. Portanto, mais do que fragilidade, admitir o erro é um exercício de responsabilidade e de compromisso ético com o cuidado.

Assim, a experiência relatada por P8, ao transformar o erro em oportunidade, conecta-se à formação de profissionais mais humanizados e colaborativos, capazes de sustentar práticas baseadas na humildade, na escuta e na valorização da experiência como motor de desenvolvimento.

P2 afirma que *“o projeto me fez conhecer e entender muito mais ... passei a entender que todo mundo tem um lado palhaço, um lado criança”*. Essa fala ecoa os achados de Lucena Neto e Silva (2022), que observaram como a atuação clownesca em hospitais infantis ressignifica a experiência do estudante, permitindo um contato mais sensível com a infância e a ludicidade.

P3 relata que *“Você passa a olhar e enxergar todo mundo como igual. Não tem melhor nem pior. Você trata um médico da mesma forma que um diretor e um faxineiro quando você está de palhaço, e acho que isso muda a visão. Você vê as pessoas como seres humanos, independente de quem seja, isso é maravilhoso”*, revelando uma quebra nas hierarquias institucionais. Essa percepção conecta-se à perspectiva freireana retomada em estudos atuais, que apontam que práticas educativas baseadas no diálogo promovem horizontalidade e reconhecimento da alteridade (Freire, 2020). Nesse sentido, a palhaçaria hospitalar pode ser compreendida como um espaço de encontro genuíno, em que o riso e o brincar suspendem temporariamente papéis sociais rígidos.

Essa ruptura também dialoga com o potencial das estratégias lúdicas no cuidado, que ampliam a empatia, favorecem vínculos e contribuem para uma prática de saúde menos verticalizada, aproximando profissionais, pacientes e familiares em um campo de corresponsabilidade (Paes et al., 2021).

P4 também narra mudanças pessoais ao afirmar que a experiência representou *“um mergulho na minha própria subjetividade ... e no treinamento de como conhecer a subjetividade do outro”*. Esse relato evidencia como o contato com a palhaçoterapia promove não apenas um exercício de autoconhecimento, mas também um deslocamento em direção ao reconhecimento da alteridade. Assim, o processo vai além da técnica e assume caráter formativo, na medida em que convoca os participantes a lidar com dimensões emocionais, afetivas e relacionais. Tal perspectiva reforça que a palhaçoterapia, além de prática extensionista, constitui um dispositivo potente na formação em saúde mental, contribuindo para a construção de profissionais mais empáticos e capazes de sustentar práticas de cuidado integradas e humanizadas (Paes et al., 2021; Freire, 2020; Brito, 2022).

P5 relata que aprendeu a importância da escuta: *“ouvir é fantástico ... e ouvir é muito construtivo e a palhaçoterapia foi muito importante nesse sentido”*. Este aprendizado vai ao encontro do que Maia et al. (2023) descrevem como potencial da palhaçaria em saúde: abrir espaço para escuta de saberes diversos e ressignificação do cuidado.

P6 reforça a dimensão de transformação subjetiva: *“pra qualquer um que passa pela palhaço, é único, é inexplicável ... você muda muito”*. Já P7 destaca a centralidade do protagonismo estudantil: *“no palhaço ... é um processo muito da nossa parte ... então eu diria que tem muita participação dos alunos”*. Essa percepção se alinha a estudos recentes sobre extensão universitária, que defendem a autonomia estudantil como essencial para a formação crítica (Santos & Oliveira, 2021).

Por fim, P8, embora menos presente nos registros, simboliza a pluralidade de vivências que se constroem nesse espaço, reforçando a ideia de que a palhaçoterapia é, acima de tudo, uma experiência coletiva e singular para cada estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que a palhaçoterapia, enquanto prática extensionista, constitui-se como um potente dispositivo de promoção da inclusão social no ensino superior e no contexto da saúde. A partir da análise temática das entrevistas, foi possível identificar que os estudantes compreendem a inclusão como um processo que vai além do acesso institucional, envolvendo também equidade, pertencimento e reconhecimento das diferenças. Essa percepção dialoga com a literatura recente, que

destaca a importância de políticas e práticas que assegurem não apenas a entrada, mas também a permanência e a valorização da diversidade em espaços educativos e sociais.

Os resultados demonstraram ainda que a palhaçoterapia promove impactos significativos tanto para os pacientes quanto para os estudantes. No ambiente hospitalar, contribui para a humanização do cuidado, proporcionando momentos de acolhimento, escuta e ressignificação das experiências de adoecimento. Para os estudantes, a experiência revelou-se transformadora, ampliando sua sensibilidade para as diferenças, fortalecendo a escuta ativa e promovendo um reposicionamento crítico frente ao erro, à hierarquia e ao papel do profissional de saúde. Esses achados confirmam evidências de estudos recentes que situam a palhaçaria como estratégia formativa capaz de desenvolver competências socioemocionais, empatia e práticas humanizadas.

Apesar dos impactos positivos, emergiram também desafios, sobretudo relacionados à resistência de alguns profissionais em aceitar a palhaçoterapia como prática legítima dentro do espaço hospitalar. Tais resistências revelam a necessidade de maior sensibilização institucional e de políticas de valorização da arte como recurso de cuidado e de formação profissional.

Conclui-se, portanto, que a palhaçoterapia configura-se como uma ferramenta potente para integrar ensino, extensão e cuidado em saúde, favorecendo a inclusão social em múltiplas dimensões: institucional, simbólica e relacional. Recomenda-se que as instituições de ensino superior ampliem e fortaleçam iniciativas semelhantes, estimulando a formação crítica e humanizada de seus estudantes. Além disso, sugere-se a realização de pesquisas futuras que incluam a percepção de pacientes, familiares e profissionais da saúde, a fim de ampliar a compreensão dos efeitos dessa prática e de consolidá-la como parte integrante das estratégias de formação e assistência.

REFERÊNCIAS

1. ANACHE, A. A.; MADRUGA, R. dos S. Tendências das pesquisas sobre inclusão na educação superior: contribuições da teoria histórico-cultural. *Educação e Fronteiras*, v. 8, n. 22, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/9044>. Acesso em: 21 maio 2024.

2. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
3. BRITO, A. K. Cuidado e humanização: a palhaçoterapia na formação dos estudantes de saúde da UFPE [dissertação na Internet]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2022. 117 p. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/46966>. Acesso em: 25 mar. 2023.
4. DA SILVA, Alexssandro et al. Cultura de segurança do paciente em hospitais: uma revisão integrativa da literatura. *P2p e Inovação*, v. 6, n. 1, p. 193-211, 2019.
5. FERREIRA, D. A. Ressignificando o cotidiano da criança hospitalizada: a importância do brincar [monografia na Internet]. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. 35 p. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27075/1/2019_DanielleAlvesFerreira_tcc.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.
6. FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.
7. FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. G. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 4, p. e00066520, 2021.
8. LACERDA, C. B. F.; SANTOS, F. A.; SOUZA, J. P. Estigma e ações afirmativas no ensino superior: desafios para a permanência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, p. e250026, 2020.
9. LIMA, M. X. A.; FERREIRA NETO, M. N.; POMPEU, R. M. Projeto de extensão no ensino superior como prática de responsabilidade social. *Regae: Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, v. 9, n. 18, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/regae/article/view/39368>. Acesso em: 21 maio 2024.
10. LIMA, Érica Vernaschi. *Desenvolvimento docente na área da saúde: potências e desafios de estratégias de formação que integram teoria-reflexão e prática*. 2025. Tese (Doutorado) – [S. l.], 2025.
11. LUCENA NETO, P. B. de; SILVA, M. R. da. A palhaçoterapia na formação médica – relato de experiência no contexto da hospitalização infantil. *Revista Portal: Saúde e Sociedade*, v. 5, n. 1, 2022.
12. MAIA, G. M. C.; VIANA, A. B.; CARVALHO, C. M. L.; FÉLIX, T. S. Celestina, SUS e Sertão: uma experiência de palhaçaria na educação popular em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 5, p. 1479-1489, 2023.
13. MARCELINO, K.; GONÇALVES, M.; HAMERSKI, B.; MORAES, M. Projetos de extensão e políticas de inclusão social nas universidades federais brasileiras. *Linhas Críticas*, v. 28, e41341, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/41341>. Acesso em: 21 maio 2024.

14. MAZZOTTA, M. J. S.; HERNANDEZ, R. C. Educação inclusiva e equidade social: desafios contemporâneos. *Revista Educação Especial*, v. 35, e10753, 2022.
15. MELLO, M. A. R. et al. Perspectiva de estudantes sobre um projeto de palhaçoterapia: o desenvolvimento do olhar humano. *International Journal of Health Science*, v. 2, n. 4, p. 198–210, 2022.
16. MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
17. MORETO, Graziela et al. O profissionalismo e a formação médica de excelência: desafios encontrados na academia e na prática clínica. *Archives of Medicine and Family Health*, v. 20, n. 4, p. 183-189, 2018.
18. OLIVEIRA, W. F. O núcleo de humanização, arte e saúde: uma experiência coletiva de produção social de saúde. *CBSM*, v. 8, n. 18, p. 114-230, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69375>. Acesso em: 28 mar. 2023.
19. PAES, C. V. M. et al. Palhaçoterapia enquanto estratégia de formação para as práticas de humanização do profissional de saúde. *Journal of Nursing and Health*, v. 11, n. 3, 2021.
20. RAMOS, B. S. et al. Professional satisfaction in the hospital context and the humanized performance of clown doctors. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 2, 2023.
21. SILVA, M. R.; MARQUES, M. C.; PENHA, A. V. X. Constructed and disseminated behaviors of the hospital clown. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 6, p. 2449-2458, 2022.
22. SILVA, P. F.; OLIVEIRA, J. L.; LIMA, A. M. Inclusão e pertencimento: desafios na educação superior contemporânea. *Revista Brasileira de Educação Inclusiva*, v. 2, n. 1, p. 33–50, 2023.
23. MOREIRA, João Victor et al. A arte do palhaço na educação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, e0142, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20200519>. Acesso em: 29 ago. 2025.